



III ENCONTRO DE EDUCAÇÃO  
MATEMÁTICA DA REGIÃO  
DO CAPIM  
SABERES MATEMÁTICOS TRADICIONAIS  
DA REGIÃO DO CAPIM

16 A 18 DE OUTUBRO DE 2024

## AS PRÁTICAS DAS MULHERES NA ATIVIDADE DA PESCA NO RIO XINGU PELO PRISMA DA ETNOMATEMÁTICA

**Cleileni Pinheiro dos Santos** – cleilenipinheirodosantos@gmail.com  
Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade  
Altamira - Pará

**Marcos Marques Formigosa** – mformigosa@ufpa.br  
Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade  
Altamira - Pará

**Renan Rodrigues do Vale** – renanvale@ufpa.br  
Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade  
Altamira - Pará

**Rosalina Damião Souza Melo** – rosalinasouzamello@gmail.com  
Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade  
Altamira - Pará

### Resumo:

*A pesca é uma das principais atividades econômicas da região amazônica, constituindo-se em fonte de renda e de alimento para a população ribeirinha, sendo transmitida de forma geracional, da qual algumas mulheres se apropriam. O objetivo da pesquisa foi averiguar como as mulheres ribeirinhas se inserem na atividade da pesca. A pesquisa é de abordagem qualitativa e foi desenvolvida por meio de entrevistas com cinco mulheres pescadoras de duas comunidades ribeirinhas do município de Porto de Moz, Pará. Nos resultados percebemos que as mulheres possuem diferentes saberes que se manifestam em diferentes momentos nas atividades da pesca. Tem uma relação com crenças, mitos e imaginário num contexto peculiar amazônico (*etno*), conseguindo não apenas atuar nesse contexto, como também explicá-lo, entendê-lo, aprender sobre ele e com ele (*matema*), desenvolvendo modos e técnicas (*tica*) muito particulares que tem contribuído para a manutenção das formas de vida, conservação da sociobiodiversidade, geração de renda e de alimentos para as famílias e produzindo saberes outros, desconstruindo a ideia presente de que a pesca é apenas uma atividade masculina.*

**Palavras-chave:** Amazônia. Pescadoras. Ribeirinhas.

**Área e Nível de Ensino:** Educação Matemática; Ensino Superior;

### 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte de umas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de pesquisa “Etnomatemática mobilizada nos Jogo de Linguagem de Mulheres Pescadoras no Rio Xingu, Amazônia Paraense”, desenvolvido no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas

Etnos do Xingu (GEPPEX/UFPA/CNPq). Partimos do pressuposto de que a pesca é uma das principais atividades econômicas da região e, tradicionalmente, ocorre de forma geracional constituindo-se em fonte de renda e de alimento para as comunidades ribeirinhas, portanto é uma atividade tradicional que desempenha um importante papel histórico, social e econômico, como atividade produtiva de subsistência em vários contextos. Além disso, dois dos autores desse texto tem vivência permanente com esse contexto, por residirem nesses territórios e estarem imersos nessa relação entre o rio e as pessoas que as suas margens vivem e/ou que com ele [o rio] mantém estreita relação.

Por essa vivência, e a partir dos estudos de Santos, Souza e Sampaio (2013), Antunes Neto, Silva e Amaral (2021) e Leitão (2019), percebemos a prevalência da figura masculina quando nos reportamos a atividade da pesca [e em muitas outras desenvolvidas não apenas no contexto rural como em outros], invisibilizando outros sujeitos que delas fazem parte, como as mulheres e as crianças.

Nesse sentido, partimos da seguinte reflexão: qual a relação das mulheres na atividade da pesca artesanal em comunidades ribeirinhas do Rio Xingu? Buscando responder a esse questionamento e, possivelmente, apontar outros, o objetivo da pesquisa foi averiguar como e a relação das mulheres pescadoras na atividade da pesca artesanal em comunidades ribeirinhas do município de Porto de Moz, estado do Pará. Dessa forma, nossos objetivos específicos são: a) identificar as atividades que são praticadas por mulheres de duas comunidades ribeirinhas desse município; e b) quais conhecimentos e técnicas são mobilizados por essas mulheres no interior dessa atividade.

Consideramos que esta pesquisa é importante para difundir informações sobre a pesca artesanal desenvolvidas por mulheres ribeirinhas no rio Xingu, mostrando como as mulheres são envolvidas nessa atividade que e de suma importância, apontando semelhanças entre suas práticas com aquelas usualmente presentes na matemática escolar.

## **2 APORTES TEÓRICOS**

Historicamente, a palavra Etnomatemática surgiu na década de 70, com base em críticas sociais acerca do ensino tradicional da Matemática, e a partir da imersão de diferentes pesquisadores em outras práticas e formas de vida em seus diferentes contextos culturais. Ubiratan D'Ambrosio foi um dos precursores e idealizador e a palavra etnomatemática, cunhada por ele, é composta por três raízes: *etno* (diversos ambientes: o social, o cultural, a natureza, etc.), *matema* (explicar, entender, ensinar e lidar com), e *tica* (que se refere as artes,

técnicas, maneiras). Portanto, essas três palavras sintetizam o seguinte: etno + matema + tica = etnomatemática, que significa o conjunto de artes, técnicas de explicar e de entender, de lidar com o ambiente social, cultural e natural, desenvolvido por distintos grupos culturais (D'Ambrosio, 2005).

Nessa linha de pensamento, percebemos que a Etnomatemática não trata de um método de ensino, mas de um programa de pesquisa que se insere em seis dimensões: conceitual, histórica, cognitiva, epistemológica, política e educacional (D'Ambrosio, 2001). Essas dimensões isso permitem “[...] compreender, não apenas objeto de estudo bem definidos ou de estudos multidisciplinares ou interdisciplinares, mas sim, o mundo como um todo, na sua integralidade”, pois consideramos que a Matemática é uma construção humana, portanto, é considerada uma cultura. Nesse sentido, a Etnomatemática considera a diversidade dos saberes na sua totalidade, considerando as diferentes manifestações humanas, não apenas no âmbito da matemática, mas como uma nova dinâmica para o entendimento das relações que envolvem distintas culturas.

Em suma, “A etnomatemática propõe uma pedagogia viva, dinâmica, de fazer o novo em resposta a necessidades ambientais, sociais, culturais, dando espaço para a imaginação e para a criatividade” (D'Ambrosio, 2008, p. 10). Essa discussão contribui para ampliar o reconhecimento dos saberes tradicionais das comunidades e para promover uma visão mais ampla e inclusiva dos saberes outros presentes em diferentes contextos culturais.

Portanto, é importante ressaltar a importância de reconhecer e valorizar os saberes presentes nas práticas culturais e cotidianas nas comunidades. A etnomatemática oferece uma abordagem que vai além dos conceitos matemáticos convencionais, destacando a diversidade cultural e a relevância dos conhecimentos matemáticos contextuais. Além disso, promove a inclusão e o respeito pela diversidade, ao reconhecer e valorizar os diferentes sistemas que possuem características que se assemelham com os da matemática escolar, presentes nas diferentes formas de vida, a partir das ideias de Wittgenstein (1999). Segundo D'Ambrosio (2008, p. 22), a respeito do saber/fazer cotidiano, “a todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo avaliando, usando instrumentos materiais e intelectuais que são próprios de sua cultura”, apontando para a existência de semelhanças entre essas ações com a matemática escolar.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Além da pesquisa bibliográfica, realizamos pesquisa de campo com cinco mulheres ribeirinhas, com idade entre 38 e 77 anos, que desenvolvem a atividades da pesca. Os *lôcus* da pesquisa foram as comunidades ribeirinhas São João Batista, localizada do Rio Maruá (afluente do rio Xingu) e Vila Maripi, localizada as margens esquerdas do rio Xingu, em Porto de Moz.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro de perguntas previamente elaboradas e ocorreram em dezembro de 2023 na residência das próprias interlocutoras. As ferramentas utilizadas foram: um gravador, celular, caderno de campo e caneta. Todas as interlocutoras assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) onde autorizaram o uso de imagem, gravação de áudio e vídeo e de seus respectivos nomes. Assim, nesse texto faremos uso do nome de nossas interlocutoras, precedidos da palavra “Dona” ou a letra “D” (abreviando Dona) como, comumente, as pessoas se reportam às mulheres mais velhas da comunidade. Os dados gerados nesses encontros foram transcritos na íntegra com a finalidade de manter os traços orais das interlocutoras; esses dados foram catalogados em arquivo digital e analisados numa perspectiva qualitativa.

#### 4 RESULTADOS E ANÁLISES

Neste item iremos apresentar, primeiramente, o perfil dos sujeitos participantes das pesquisas, que foram cinco mulheres que exercem a atividade da pesca em suas comunidades.

Quadro 1: Perfil das interlocutoras da pesquisa

Nome	Idade	Cor	Qual comunidade pertence	Estado civil	Onde nasceu	Frequentou a escola até que série	Atividade que desenvolve
D. Maria Domingas Duarte de Souza	77 anos	preta	São Joao Batista	viúva	Porto de Moz	Não frequentou a escola	pesca
D. Sebastiana Vieira Duarte	64 anos	parda	Vila Maripi	solteira	Porto de Moz	Frequentou 2 meses a 1ª série	pesca e agricultura
D. Rosirene Dias de Oliveira	50 anos	Preta	Vila Maripi	amasiada	Vila Maripi	Frequentou 4 meses a 1ª série	pesca
D. Cleonice Serra da Paixão	46 anos	parda	São Joao Batista	amasiada	Porto de Moz	Não frequentou a escola	pesca e agricultura
D. Francinalva Duarte Pires	38 anos	morena	Vila Maripi	casada	Porto de Moz	Frequentou até a 4ª série	pesca e agricultura

Fonte: Pesquisa de Campo (2023)

Podemos observar no quadro acima que todas as mulheres desenvolvem a atividade da pesca e se autodenominam pescadoras. Algumas delas, no entanto, acabam desenvolvendo uma

segunda atividade (nesse caso, a agricultura) que, ocorre de forma concomitante a pesca ou de forma sazonal, conforme o calendário dos ciclos agrícolas.

Notamos ainda que essas mulheres possuem baixa ou nenhuma escolaridade, considerando que algumas delas se quer frequentaram a escola. Essa situação ainda é comum nas comunidades rurais do interior da Amazônia e aponta marginalizações históricas que a população do campo viveu (e ainda vive), onde um dos direitos sociais fundamentais garantidos pela constituição federal ainda são negados.

Das diversas conversas/entrevistas que foram realizadas para a produção de dados que compõem a pesquisa, optamos por fazer um recorte dado os objetivos aqui postos. Ao entrar na discussão sobre mulheres na atividade da pesca no rio Xingu pelo prisma da Etnomatemática, percebemos que as mulheres tem arte ou técnica (tchné = tica) por meio da contagem de peixes, na organização das redes de pesca ou no planejamento das atividades (que ocorrem antes durante e depois da pesca) como a comercialização, por exemplo. Como pode ser observado nas falas das entrevistadas quando relatam sobre a compra da tela para tecer a malhadeira, na venda do peixe enfim muitos outros conhecimentos etnomatemática que será abordado ao discorrer o texto.

*“[A gente]<sup>1</sup> tece malhadeira; [a]<sup>2</sup> tela, nós compra: quarenta e cinco, cinquenta, com fio quarenta, sessenta, com fio trinta e cinco, ou com fio quarenta. Aí tem a malhadeira de tambaqui que a gente faz ela, a gente tece”* (Dona Rosirene, 50 anos, grifos nossos).

*“É, o consumo! Quando eu pego muito [peixe]<sup>3</sup> ainda vendo, quando to aperreada, assim, eu vendo. A vezes, três quilos, quatro quilos ela<sup>4</sup> também vende. E, se não, a gente trata<sup>5</sup> dele, põe no freezer, na geladeira pra comer”* (Dona Sebastiana, 64 anos);

*“Eu pesco para vender e para comer também”* (Dona Francinalva, 38 anos).

*“[...] só pesco mesmo para a gente comer”* (Dona Maria Domingas, 77 anos).

*“Eu pesco para casa mesmo para consumir”* (Dona Cleonice, 46 anos)

Observamos nas respostas das interlocutoras diferentes relações com a pesca: Dona Rosirene discorre a partir da compra e produção de material de pesca, mostrando um amplo conhecimento sobre os tipos de fio para a produção da malhadeira e, inclusive para a captura de peixes específicos como o tambaqui, quanto para a compra, de tela. Enquanto para as demais, vemos uma relação direta com o consumo do pescado e, de modo particular, dona Sebastiana e

---

<sup>1</sup> Inserção nossa

<sup>2</sup> Inserção nossa

<sup>3</sup> Inserção nossa

<sup>4</sup> Apontando para outra mulher que estava acompanhando as entrevistas.

<sup>5</sup> Aqui ela se refere ao ato de preparar, limpar o peixe.

dona Francinalva, com a comercialização, que possibilita ter acesso a outros tipos de alimentos. Tais afirmações foram ratificadas quando indagamos por que elas pescavam:

*“É pro alimento, e às vezes a gente não tem dinheiro. Vende o peixe, aí compra o frango, compra o alimento, café, o açúcar não falha ne assim”*  
(Dona Sebastiana).

A dieta alimentar das comunidades ribeirinhas é baseada, fundamentalmente, nos recursos pesqueiros provenientes dos rios, lagos e igapós, sendo uma herança indígena, conforme apontam Pereira, Souza e Ramos (2007, p. 171): “Um aspecto essencial da pesca que remonta ao período anterior da colonização da Amazônia era fato de os indígenas utilizarem o pescado como parte indispensável à complementação de sua alimentação”.

Nas primeiras dimensões, a pesca destina o produto mais para o consumo da família do que à comercialização, mas também tem a outra na qual a pesca é o centro de sua ocupação e temos as mulheres envolvidas nessas duas dimensões. Para esse grupo a pesca se coloca como atividade prioritária para a obtenção de uma remuneração, ainda que destinem parte de seu tempo a outras formas de trabalho (Furtado, 1993).

No entanto, para Dona Rosilene, a pesca se insere numa perspectiva de “esquecer” o mundo (e seus diversos problemas), pois toma a pesca como sendo um momento prazeroso.

*[...] Pesco porque eu gosto de fazer isso! Prazer mesmo! É a única coisa que pra mim, se eu estiver no rio, ah! eu esqueço casa, eu esqueço tudo”* (Dona Rosilene).

Notamos que algumas mulheres têm uma relação afetiva com o rio, estendendo para ele, a partir da pesca, momentos de reflexões, de prazer que desconecta as mulheres da vida cotidiana que ficou na terra.

Essa relação das mulheres com a pesca vem de gerações, conforme observamos nas respostas dadas quando indagamos a elas se suas genitoras também pescavam:

*“Pescavam, meu pai, meu avô, minha mãe pescava, pescava não pesca até agora a minha mãe”* (Dona Cleonice)

*“Pescam, a mamãe gosta de pescar, a minha avó também gostava de pescar”*  
(Dona Francinalva).

*“Minha avó pescava”* (Dona Maria Domingas)

Percebemos nos relatos das entrevistadas que essa atividade vem sendo passada de pai e mãe para filhos, pois se trata de um manejo artesanal e de conhecimento quase sempre passado entre as gerações, que segundo Esquinalha (2014, p. 3), destaque que:

A etnociência atua num contexto multicultural, tentando entender os processos de geração e transmissão de conhecimentos, no fazer ciências de cada grupo identificável, com o propósito de utilizar esses conhecimentos materno para benefícios do próprio grupo, na manutenção de seus valores e práticas [...].

A etnomatemática tem sido praticada por diversos grupos étnicos e diversas culturas com o propósito de manter vivos seus conhecimentos, os quais de forma organizada são repassados de geração em geração. Segundo D'Ambrosio (2008), “naturalmente, em todas as culturas e em todos os tempos, o conhecimento que é gerado pela necessidade de uma resposta a problemas e situações distintas está subordinado a um contexto natural, social e cultural”.

Dito isto perguntou-se com quem elas aprenderam a pescar, responderam:

*“Com ele<sup>6</sup>, com o meu esposo, meu pai quando era vivo, não saía da canoa dele, quando ele morreu eu tinha 12 anos, desde a idade de oito anos eu andava na poupa da canoa do meu pai. Era para a terra, era para o rio, era para qualquer canto, e depois que me juntei com esse aí<sup>7</sup>, pronto, nós viremo o rei da pesca mesmo”* (Dona Rosirene)

*“Foi com a minha mãe”.* (Dona Sebastiana)

*“Foi com meu pai ele que me ensinou a pescar”.* (Dona Cleonice)

*“A mamãe adoeceu, foi para Altamira, e aí nós ficamos tudo pequenos, fiquei com 8 anos o outro meu irmão ficou com 5 anos aí tivemos que se virar ne para pescar e daí já fui aprendendo a me virar também, a pescar”* (Dona Francinalva).

*“Com a minha avó que me criou”* (Dona Maria Domingas)

As respostas mostram que as mulheres, assim como os homens, também são responsáveis por ensinar essa atividade para as crianças. Observamos que as mulheres ocupam um protagonismo nesse processo de transmissão de conhecimentos entre as gerações, evidenciando o seu protagonismo mesmo que seja silenciado em uma atividade majoritariamente masculina.

Então, podemos entender que a Etnomatemática tem o foco na diversidade dos saberes e enxerga na sua totalidade a abrangência das várias manifestações humanas, não apenas no âmbito da Matemática, mas como uma nova dinâmica para o entendimento das relações que envolvem distintas culturas, objetivadas, segundo D' Ambrósio (2005), pela sobrevivência e a transcendência.

Dito isto buscamos conhecer outros saberes desenvolvidos pelas mulheres na atividade da pesca. Segundo as interlocutoras, a pesca não se resume ao ato de pescar em si, mas antecede a isso, pois há toda uma preparação com os materiais (incluindo malhas, caniços, remos, facas, facões, alimentos) até a saída da embarcação do porto e o seu retorno. Nos excertos a seguir, conhecemos essa organização a partir dos horários de saída e tempo de permanência na pesca.

*“A gente sai 6 horas da manhã, tem vez que é 5h que é pra pegar piabinha, aí a gente vai 5 horinha, senão, se a gente pegar de tarde, a gente vai 6h da*

---

<sup>6</sup> Apontando para o esposo que estava ao lado

<sup>7</sup> Idem

*manhã. Fica jogando linha, quando é umas dez, 11 horas a gente chega”.* (Dona Sebastiana).

*“Às vezes eu saio 5h da manhã para pegar isca, eu chego 9h 10h da manhã quando não, 11h mesmo”* (Dona Francinalva)

*“Saio seis e meia, quando puxo [peixe]<sup>8</sup> cedo umas 10h chego, quando não chego mais de 11 horas, às vezes meio-dia, é esse tempo”* (Dona Maria Domingas).

Diante dos relatos das entrevistadas observamos uma forma de organização de capaz de explicar, entender e atuar na realidade (**matema**) (D’Ambrosio, 2005), quando elas discorrem sobre seus horários de saída e chegada, bem como os horários adequados para desenvolverem uma boa pescaria. Esse **matema**, também se faz presente nas preferências por algumas espécies de peixes, conforme observamos a seguir:

*“Eu gosto de pescar tambaqui, curimata, carauaçu, fora os outros peixes improprios, na época da proibição.”* (Dona Rosirene)

*“Te fala que é tudo, eu gosto de pescar tucunaré, eu gosto de pescar pescada, pesco aruanã no garapé, cará, e todo tipo de peixe que pegar sarda, essa sarda grande aqui de frente. Mas eu gosto de pescar mais e tucunaré e pescada”* (Dona Sebastiana).

*“Gosto de pescar tucunaré, aruana e traíra”* (Dona Cleonice).

*“Gosto de pescar aracu e pescada”* (Dona Francinalva).

*“Tucunaré, aruanã, traíra, as vezes eu puxar algum tambaqui, aquelas piranhas grandes, de caniço puxo aqueles aracus grandes, mafurar”.* (Dona Maria Domingas)

Como pode ser percebido, as interlocutoras têm suas preferências quanto ao peixe ser pescado, mas isso não quer dizer que elas não levam para casa os outros peixes que conseguem pescar.

*“Porque são mais fácil da gente conseguir pegar eles”.* (dona Rosirene)

*“Porque eles são mais danado. É só jogar a linha se estiverem, mana, é pegar e já vão levando ai a gente e só fisgar, aí puxa”* (Dona Sebastiana)

*“Porque é mais fácil”* (Dona Cleonice)

*“Porquê e bom pescar eles e rápido, a gente joga o anzol rapidinho eles pegam”* (Dona Francinalva)

*“Porque eles são peixes bons, gostosos, são gordos, tanto assados como cozidos, fritos”* (Dona Maria Domingas)

Como relataram as interlocutoras são diferentes os relatos dos porquês das suas preferências para pescar determinados tipos de peixes. Além de alguns deles serem mais apreciados pelas famílias, como o tucunaré o aracu, há preferência pelo consumo de peixes que

---

<sup>8</sup> Inserção nossa

não sejam prejudiciais à saúde. Isso ficou evidenciado em diversas falas das interlocutoras, conforme observamos a seguir:

*“Tem sim, o filhote. O filhote é muito remoso pra saúde da gente, sabia? se tu tiver alguma coisa tu não pode come ele por que ele e remoso”* (Dona Rosirene, grifos nossos)

*“[...] é o peixe de pele porque os médicos sempre ele avisa a gente: “olha não come, porque as vezes você tem infecção de urina, tem outro problema de diabete. Tem gente que sofre né! aí ele ipuribi pra gente não comer peixe de pele”* (Dona Sebastiana, grifos nossos)

*“Tem, aquele peixe piranambu que é remoso, jiju é um peixe remoso, porque às vezes a gente tem um problema, que até menstruada a gente não pode comer”* (Dona Maria Domingas, grifos nossos)

Percebemos que as interlocutoras, além do conhecimento com a pesca, também acumulam outros sobre os peixes e sua relação direta com relação a saúde. Novamente vemos nas narrativas uma perspectiva cosmológica, mitológica e imaginária (**etno**) (D’Ambrosio, 2005) da qual as mulheres também enunciam que aprenderam sobre isso a com seus antepassados.

Vimos anteriormente que as mulheres pescam para o consumo da família e, algumas delas para a comercialização tanto na comunidade quanto na cidade de Porto de Moz. Nesse sentido, buscamos conhecer sobre a relação delas em mais esta etapa da pesca, a partir de critérios estabelecidos por elas para obterem uma boa venda. Vejamos:

*“O grande é um preço, o menor é outro. E o que se chama a salada<sup>9</sup>! salada tem um preço! E o peixe normal mesmo tem outro preço, há diferença. E aindaa depende do tipo de peixe”* (Dona Rosirene).

*“Tem vez que a gente vai vender e tem uns peixes mais graúdo outro mais pequeno. E o preço varia também”* (Dona Sebastiana).

Diante desses relatos percebemos que as interlocutoras têm o envolvimento da venda, criando critérios próprios para estabelecer o preço do peixe, influenciado pelo tamanho e pelo tipo de peixe, a qualidade, onde separam por espécies.

Corroborando com essa ideia, D’Ambrosio (2011) afirma que:

O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura (D’Ambrósio, 2011, p. 22).

Vemos que esses critérios têm uma finalidade: é o valor econômico que será atribuído a cada um deles.

---

<sup>9</sup>Quando são vários tipos de peixes vendidos juntos

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONTRIBUIÇÕES

A Etnomatemática, na tarefa de investigar a maneira pela qual grupos sociais calculam, medem, comparam, classificam, quantificam, ou seja, como lidam com a matemática no cotidiano, não tem a intencionalidade de anular a matemática científica e, tampouco, menosprezá-la, pois ela também é uma construção humana, portanto considerada um bem cultural.

Ela também manifesta seu interesse em tornar visível os saberes de grupos até então marginalizados pela sociedade. A presente pesquisa teve como objetivo investigar quais saberes estão presentes na atividade da pesca das mulheres nas comunidades São Joao Batista e Vila Maripi no município de Porto de Moz. Os saberes que foram percebidos são saberes que possuem semelhanças com alguns saberes das práticas matemáticas institucionalizadas.

Além disso, se ancora no âmbito social, ambiental, educacional, cultural e histórico que emerge de uma dimensão que atravessa os moldes da formalidade acadêmica e demandam uma relevância para a formação do cidadão crítico frente aos problemas e demandas de diversas naturezas. Os saberes e as atividades de pesca e a riqueza de saberes que emergem das experiências que acontecem no contexto da pesca artesanal nessas comunidades são muito peculiares.

Mostram que as mulheres possuem diferentes saberes que se manifestam em diferentes momentos nas atividades da pesca. Tem uma relação com crenças, mitos e imaginário num contexto peculiar amazônico (**etno**), conseguindo não apenas atuar nesse contexto, como também explicá-lo, entendê-lo, aprender sobre ele e com ele (**matema**), desenvolvendo modos e técnicas (**tica**) muito particulares que tem contribuído para a manutenção das formas de vida, conservação da sociobiodiversidade, geração de renda e de alimentos para as famílias e produzindo saberes outros, desconstruindo a ideia presente de que a pesca é apenas uma atividade masculina.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES NETO, J. N.; SILVA, R. O.; AMARAL, S. C. S. Maré invisível e as mulheres na pesca artesanal: um estudo sobre o perfil laboral e a discriminação indireta na atividade pesqueira do Brasil. **Revista Campo-Território**, Uberlândia-MG, v. 16, n. 43 Dez., p. 103–128, 2021.
- CASTRO, V. B.; BARROS, F. B. “Peixe é igual gente”. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 8, n. 2, p. 3-38, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1068>. Acesso em: 18 fev. 2024.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- D'AMBROSIO, U. Volta ao mundo em 80 matemáticas: **Scientific American Brasil-Etnomatemática**, nº 11. Ed. Especial. São Paulo: Duetto Editorial, p, 6. 2005.

- D'AMBROSIO, U. O Programa Etnomatemática: uma síntese. **Acta Scientiae**, v.10, n.1, jan./jun. 2008
- ESQUINCALHAR, A. C. Etnomatemática: um estudo da evolução das ideias. In: VIII Encontro Nacional de Educação Matemática, 2004. P. 1-6. Disponível em: <https://docplay.com.br/18693621-Etnomatematica-um-estudo-da-evolucao-das-ideias.html>. Acesso em 09 de mar. 2024.
- FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.
- KNIJNIK, G. O saber popular e o saber acadêmico na luta pela terra. UFRS. Porto Alegre, 2002.
- MOTTA-MAUÉS. M; MARTINS. M. & ALVIM. R. “Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil”. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, v.11, n.2, 2016, P. 379-390.
- MOTTA-MAUÉS. M. Pesca de homem/peixe de mulher (?): Repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. **Etnográfica, Portugal**, v. 3, n. 2, 1999, p. 377-399.
- SMITH, N. J. H. **A pesca no rio Amazonas**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico – CNPq/INPA. Manaus-AM, 1979. 154 p.
- VELHO, Eliana Maria Hoffmann; LARA, Isabel Cristina Machado de. O Saber Matemático na Vida Cotidiana: um enfoque etnomatemático. **Alexandria**: Revista em Ciência e Tecnologia, v. 4, n. 2, p. 3-30, novembro 2011. ISSN 1982-5153.
- VERÍSSIMO, J. **A pesca na Amazônia**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.